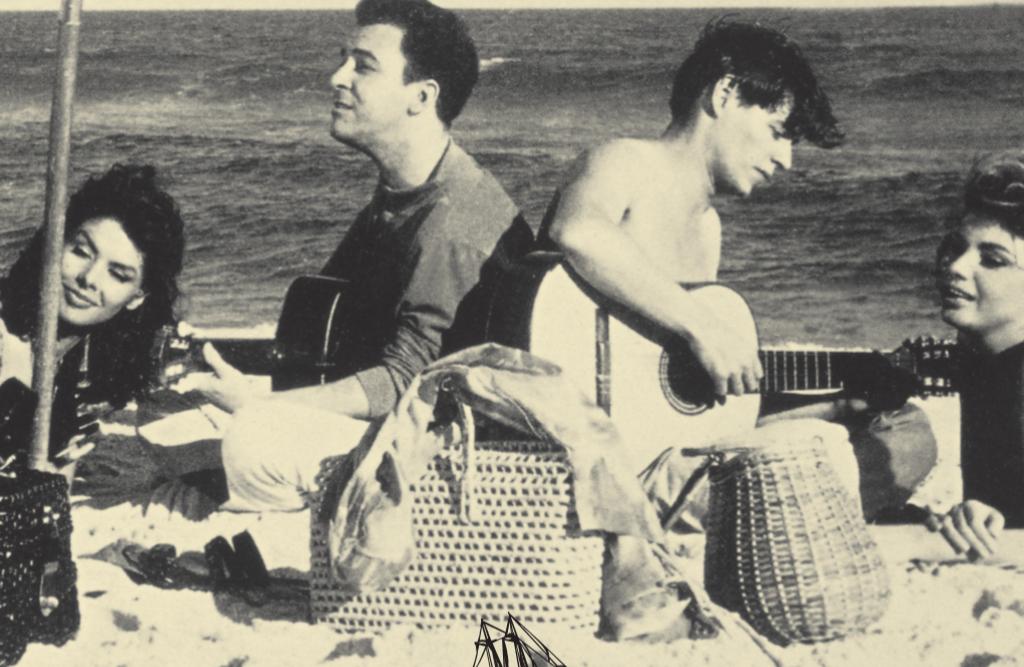


Ruy Castro

A onda
que se ergueu
no mar

*Novíssimos mergulhos
na Bossa Nova*

2^a edição revista e ampliada




COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2001 by Ruy Castro

*Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa
Hélio de Almeida

Foto de capa

DR

Preparação
Isabel Jorge Cury

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Carmen S. da Costa
Beatriz de Freitas Moreira
Fernando Nuno
Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, se, Brasil)

Castro, Ruy, 1948 -

A onda que se ergueu no mar: Novíssimos
mergulhos na Bossa Nova / Ruy Castro. —
2^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras,
2017.

Bibliografia.
ISBN 978-85-359-2923-2

1. Bossa Nova (Música) — Brasil — História
e crítica. 2. Música popular — Brasil — História
e crítica — Século 20. 1. Título.

01-5486

CDD-781.630981

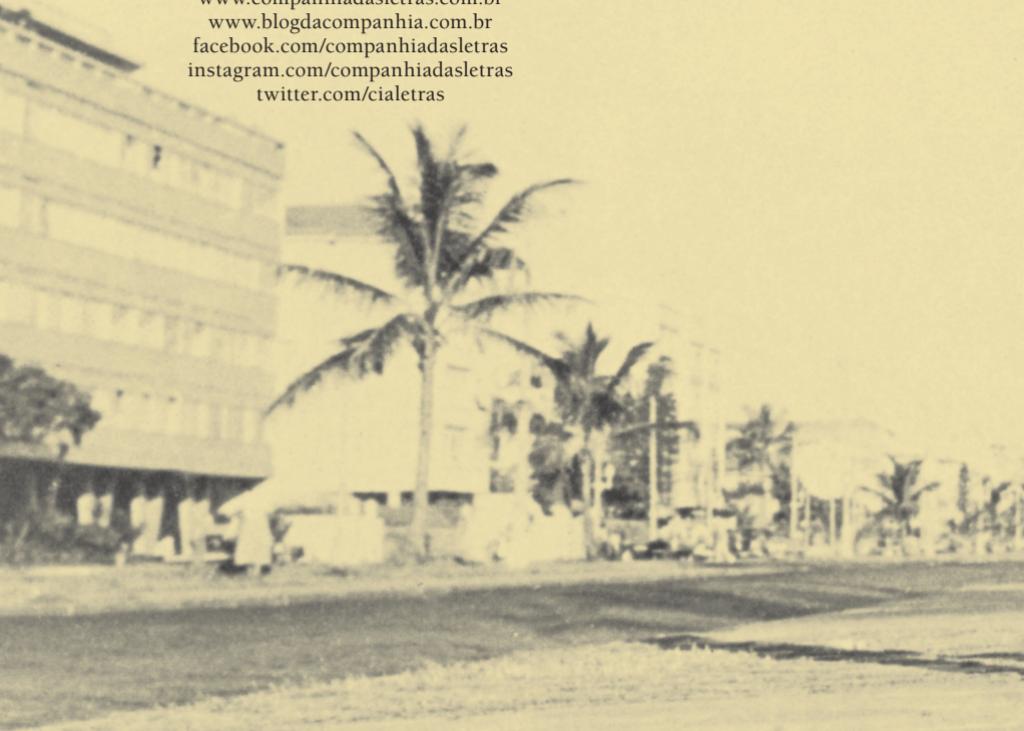
2017

Índice para catálogo sistemático:

1. Bossa Nova : Música popular :
História e crítica : Brasil 781.630981

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras



Sumário

A trilha sonora de um país ideal	13	Edmundo passava pasta de dente no pão	120
1 ~ Tom		<i>Mais ou menos o que eles fizeram com as letras da BN nos EUA</i>	
20 anos esta tarde	23	Garimpo nos sebos	129
<i>Chopes no Véloso enquanto Edson morria</i>		<i>Em busca das capas perdidas</i>	
O aprendiz de ternuras . . . 29		Altos e baixos cleros culturais	142
<i>Senhorinhas ao piano ou ao cavalete</i>		<i>O que Sinhô via em Manuel Bandeira?</i>	
Muitos momentos mágicos	37	4 ~ Microfone partido	
<i>É o mistério profundo, é o queira ou não queira</i>		Caprichos do destino . . . 149	
O umbigo musical do Brasil	49	<i>A dramática, trágica história de Orlando Silva</i>	
<i>Um abraço no tempo entre Tom e Noel</i>		Os dois meninos	171
Dois gênios com tanto em comum —		<i>As vidas paralelas de Dick Farney e Lucio Alves</i>	
e em incomum	59	5 ~ Rapazes de bem	
<i>Des/encontros entre Gershwin e Jobim</i>		Céus e mares	
2 ~ Do barquinho ao banquinho		de Johnny Alf	189
É sol, é sal, é sul	69	<i>Um estadista do piano e da voz na música brasileira</i>	
<i>A onda que se ergueu no mar</i>		Nas águas	
Houve uma vez dois verões	79	de João Donato	196
<i>1964/65 — Bossa & Brigitte em Búzios</i>		<i>Uma permanente pororoca musical</i>	
3 ~ Misturas finas		6 ~ Toques de silêncio	
Das bananas ao “Desafinado” e além 101		Atire no pianista	211
<i>Nós produzimos a música; eles vendem os discos</i>		<i>E também no saxofonista, no trompetista, no trombonista...</i>	
A musa que se desmusou	229		
<i>Com Nara em Copacabana, onde tudo começou</i>			

7 ~ João

João Gilberto 1990 243

*O mundo gira
ao redor do pijama*

João Gilberto 2001 261

*Psiu para os que só sabem
ouvir com os olhos*

8 ~ Textos bônus

Anatomia de um disco 275

*Por dentro (e por fora) da
gravação de Getz/Gilberto*

Onipresença de

Sylvia Telles 290

*E se ela tiver sido a verdadeira
musa da Bossa Nova?*

A gramática da bateria 306

*A incrível trajetória de Milton
Banana*

Os Cariocas 319

*A fome de grande música com
a vontade de cantar*

Simonal, finalmente

perdoado 337

*Só falta agora ele nos dar o seu
perdão*

**Bibliografia
e agradecimentos** 357

Créditos das fotos 361

Índice remissivo 365

Moça da praia

A Bossa Nova traz
Brigitte ao Brasil.
Búzios, 1964



A trilha sonora de um país ideal

O lha que coisa mais linda: as garotas de Ipanema-1961 tomavam cuba-libre, dirigiam Kharman-Ghias e voavam pela Panair. Usavam frasqueira, vestido-tubinho, cílio postiço, peruka, laquê. Diziam-se existencialistas, adoravam arte abstrata e não perdiam um filme da Nouvelle Vague. Seus points eram o Beco das Garrafas, a Cinemateca, o Arpoador. Iam à praia com a camisa social do irmão e, sob esta, um biquíni que, de tão insolente, fazia o sangue dos rapazes ferver da maneira mais inconveniente.

Tudo isso passou. A querida Panair nunca mais voou, a Nouvelle Vague é um filme em preto e branco e ninguém mais toma cuba-libre — quem pensaria hoje em misturar rum com Coca-Cola? Quanto àquele biquíni, era mesmo insolente, embora, por padrões subsequentes, sua calcinha contivesse pano para fabricar dois ou três pára-quedas. Dito assim, é como se, em 1961, o céu do Brasil ainda fosse povoado por pterodáctilos.

Mas há uma exceção. A música que aquelas garotas escutavam na época continua a ser ouvida — um milênio depois — como se brotasse das esferas: a Bossa Nova.

Acredite ou não, em números absolutos ouve-se mais Bossa Nova hoje do que em 1961. E ela não brota das esferas, mas é produzida ao vivo, pelos gogós, dedos e pulmões de artistas de todas as idades, em lugares fechados ou ao ar livre, em quatro ou cinco continentes. Ouve-se Bossa Nova em salas de concerto, teatros, boates, bares, clubes, escolas, estádios, praças, praias e quiosques e, ultimamente, como uma epidemia, nas

ruas noturnas de Berlim, Hamburgo, Londres e Haia. Ouviu-se também no cinema, no rádio e até na televisão, na trilha da novela e nos comerciais. Ouviu-se como música de fundo em aviões, restaurantes, elevadores, consultórios médicos e salas de espera. Sem falar na audição doméstica — por haver mais discos disponíveis, nunca se ouviu tanta Bossa Nova em apartamentos de São Paulo, Nova York, Paris, Sydney, Tóquio. E, se você se dispuser a entrar em todos os sites brasileiros e internacionais dedicados à Bossa Nova na internet, arrisca-se a morrer de velhice sem antes sequer arranhar a superfície.

Não é uma avalanche — ainda bem. Dificilmente você verá um disco de Bossa Nova nas paradas. Mas os pardais e os bem-te-vis também não estão nas paradas e a música deles nunca sai do ar. Aliás, os rapazes e moças que criaram a Bossa Nova, em fins dos anos 50, não gostariam que fosse diferente. Na sua despretensão e modéstia, eles só queriam que a música que estavam inventando fosse bonita, sofisticada — e eterna.

Bonita e sofisticada, a Bossa Nova sempre foi. Nasceu sendo. Mas, eterna? Naquele ano de 1961, somente o futuro distante seria capaz de dizer — e, como o nosso presente é o futuro daquele tempo, basta ver (ou ouvir) em torno para constatar que, nesse sentido, eles venceram. Por eles entendam-se os jovens cantores, compositores, letristas, músicos e arranjadores que ousaram sonhar com essa eternidade: Antonio Carlos Jobim, João Gilberto, Newton Mendonça, Sylvinha Telles, Nara Leão, Roberto Menescal, Carlinhos Lyra, Ronaldo Bôscoli, Luizinho Eça, Alayde Costa, Claudette Soares, Baden Powell, Durval Ferreira, Oscar Castro Neves, Luiz Carlos Vinhas, Milton Banana, Sérgio Mendes, Eumir Deodato, Wanda Sá, muitos mais (alguns dos rapazes mal tinham feito a primeira barba; algumas das moças ainda usavam maria-chiquinha). Eles sonharam com um tipo de música que pairasse sobre o tempo, que os tornasse sempre jovens — e tornasse jovem quem a ouvisse em qualquer época.

A Bossa Nova foi e é essa música. Hoje, livros são escritos a seu respeito e ela é motivo de ensaios eruditos, de teses universitárias e de discussões em seminários. Sob qualquer pretexto, intelectuais das mais diversas plumagens se reúnem para disseca-la e falar de sua “importância nos rumos da música popular”. O que já me fez tremer de medo: com toda a seriedade com que tentam envolvê-la e desidratá-la, a Bossa Nova já deveria ter se juntado à polca, à mazurca e ao maxixe, entre outros estilos históricos que atualmente só parecem existir nos livros. Mas, com a Bossa Nova, isso não aconteceu — porque ela tinha um algo mais, uma seiva que a salvou: a beleza. Mesmo os seus adversários concordam em que, em termos de melodia, nunca a música brasileira teve um repertório tão permanente e rico.

Até hoje, à luz do sol ou de um abajur, com ou sem um uísque ao lado, nada supera o prazer quase hipnótico de se ouvir coisas como “Corcovado”, “Samba do avião”, “Minha namorada”, “Este seu olhar”, “Dindi”, “Primavera”, “Wave”, “Se todos fossem iguais a você”, “Ela é carioca”, “Você e eu”, “Inútil paisagem”, “Samba de verão”, “Eu e a brisa”, “Ilusão à toa”, “A rã”. Bolas, vamos ser francos: todo o repertório. Mesmo canções que, às vezes, imploram por um descanso, como “Garota de Ipanema”, “O barquinho” e “Desafinado”, continuam infalíveis em nos fazer parar para escutá-las. E o que dizer de outras perfeitamente lindas, mas tão menos exploradas, como “Fotografia”, “Vivo sonhando”, “Balanço Zona Sul”, “Samba do carioca”, “Canção que morre no ar”, “Vagamente”, “Minha”, “Chuva”, “E nada mais”, “Samba da pergunta”, “Razão de viver”, “Tempo feliz”? Quantos grandes CDs não se poderiam fazer apenas com as canções da Bossa Nova que não chegaram a ficar tão populares? Sem falar nas que ajudaram a deslanchar o movimento e depois foram esquecidas: “Fim de noite”, “Se é tarde me perdoa”, “Chora tua tristeza”, “Sabe você”, “Olhou pra mim”, “Disa”, “Morrer de amor”, “Aula de matemática”, “O amor que acabou”, “Onde está você?”, “Este seu olhar”, “Brigas nunca mais”.

Quando a maioria dessas canções estava sendo composta, entre 1958 e 1963, metade do planeta ainda estava tendo surtos espasmódicos ao som do rock'n'roll e a outra metade já se contorcia ao ritmo de uma novidade chamada twist. A ordem então vigente no mundo determinava que um gênero musical, para vingar, tinha de ser dançante. Pois foi nessa época, em Ipanema, que Tom Jobim abriu o piano e libertou dezenas de melodias. Muitas ganhariam letras de um poeta ao mesmo tempo sério e moleque, chamado Vinicius de Moraes, e seriam ouvidas pela primeira vez nas vozes de Sylvinha Telles e de um jovem baiano que acabara de inventar uma batida de violão: João Gilberto. Uma batida “bossa nova”, como se dizia, e que acabaria designando tudo que se faria com ela: a Bossa Nova.

Mas, por mais gostosa e revolucionária, essa batida — que era samba e, ao mesmo tempo, “não era” — não parecia feita para dançar. Ao contrário, pedia concentração e até algum esforço para ser “entendida”. Quanto à voz do cantor, só faltava exigir que se grudassem as orelhas aos alto-falantes para ser escutada, porque ele cantava baixinho, “desafinado”, de forma relaxante — era quase uma massagem sonora. A oposição sofrida por essa nova música foi tão contundente que um possível fracasso comercial, se tivesse acontecido, seria muito natural. Pois seus adversários devem ter se espantado muito ao ver quantos jovens ansiavam por aquela massagem, aquela batida e aquela mensagem.

Milhares de jovens brasileiros, alertas, criativos e que, até então, não sabiam para onde se virar, tiveram suas vidas salvas pela Bossa Nova. Muitos deles, meninos ainda de calças curtas e suspensórios, como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, decidiram fazer música ao ouvir a gravação de “Chega de saudade” por João Gilberto, em 1958. Por causa da Bossa Nova, outros resolveram fazer cinema, teatro, poesia, jornalismo, fotografia, artes plásticas, design. O violão, um instrumento com grosso prontuário nas delegacias, foi parar nas mãos das

melhores moças “de família”. Em certo momento, segundo Ivan Lessa, parecia haver mais meninas armadas de violão em Copacabana do que soldados de metralhadora no forte do Posto Seis.

Sem entender as letras, mas encantados com a beleza melódica, a riqueza harmônica e a novidade rítmica da Bossa Nova, jazzistas e cantores americanos de passagem por aqui em 1960 e 1961 também descobriram a Bossa Nova, encantaram-se e a levaram para os Estados Unidos: Coleman Hawkins, Roy Eldridge, Al Cohn, Zoot Sims, Tony Bennett, Ella Fitzgerald, Lena Horne, Chris Connor. O esperto Stan Getz a gravou com enorme sucesso — ela salvou sua então periclitante carreira e ele a tornou popular nos Estados Unidos. Em 1967, quando Frank Sinatra (então ainda o mais poderoso cantor do mundo) gravou um LP inteiro com Jobim, estava garantida a eternidade internacional da Bossa Nova.

Mas isso foi há muito tempo. Desde então, a Bossa Nova já morreu muitas vezes.

Morreu no Brasil, bem entendido, onde nos referimos a ela dizendo, “Porque, no tempo da Bossa Nova...” — como se falássemos de um tempo extinto, anterior aos fenícios, cultuado por senhores calvos e grisalhos, nostálgicos de sua juventude. O “movimento” da Bossa Nova — a onda que agregou uma geração inteira na passagem para os anos 60 e marcou aqueles jovens para sempre —, este sim, pode ter acabado em poucos anos, assim como seu apogeu como modismo. Mas, se a própria marca “Bossa Nova” foi tantas vezes dada como defunta, sua música, mesmo quando mais parecia enterrada e esquecida, nunca morreu.

Nos Estados Unidos (onde ninguém se refere ao jazz como “No tempo do jazz” — porque o jazz não foi, continuou sendo), a Bossa Nova também não foi, continuou sendo. Os americanos sempre viram a coisa à sua maneira. Como não pegaram onda

no Arpoador, não chuparam jajá de coco e não tomaram um chope com Tom e Vinicius no Veloso, a Bossa Nova, para eles, nunca foi “nostalgia”, mas cultura — e uma cultura viva, presente, valiosa, a ser transformada em produto, comercializada e vendida. Inclusive para nós. Por causa disso, muitos de seus compositores conseguiram atravessar a Idade do Gelo a que foram condenados por aqui — e os direitos autorais que lhes foram pagos durante todo esse tempo confirmam isso. Enquanto eram ignorados no Brasil, Moacir Santos e Mario Telles, por exemplo, receberam muitos cheques em dólares referentes a “Nanã”; a família de Newton Mendonça viveu confortavelmente dos royalties de “Desafinado”, “Samba de uma nota só” e “Meditação” pagos no exterior; e Tom Jobim, com tudo que lhe roubaram lá fora, sempre ganhou o suficiente para comer camarão e construir um patrimônio no Rio e em Nova York. *Alguém* devia estar tocando essas canções, para que seus autores fossem pagos por elas.

E será preciso falar da indestrutibilidade da Bossa Nova como gênero? Sua batida incorporou-se de tal forma à gramática da música popular, em toda parte, que não há um violonista australiano ou israelense que não saiba executá-la. À sua maneira discreta e delicada, a Bossa Nova sobreviveu à mais longa ditadura de que se tem notícia na história da música popular: a do rock, em todas as suas fases — iê-iê-iê, rock progressivo, fusion, discoteque, punk, new wave, heavy metal, rap, grunge, dance e o que mais surgiu. De alguns desses rótulos já não resta nem memória, mas a Bossa Nova, subliminarmente que fosse, nunca saiu do cenário internacional — com direito a viajar sem passaporte, valendo como moeda local e, às vezes, até sendo reconhecida como música brasileira.

Só faltava o principal: voltar a ser reconhecida em seu país.

Pois não é que, dos anos 90 para cá, isso passou a acontecer? Uma nova geração, cansada da pancadaria sonora que nos azucrinou nas últimas décadas, descobriu maravilhada que

nem toda música tinha de espelhar a barbárie — havia também a música da harmonia. Uma música que valia a pena ser escutada com atenção, que servia para se murmurar pequenas sacanagens ao pé do ouvido e que continha aquele elemento outrora considerado indispensável: a beleza — lembra-se dela? Uma música que fazia jus à inteligência de quem a ouvia. E, quando isso aconteceu, eles souberam que estavam encantados com a Bossa Nova. Não pense que as centenas de títulos, novos ou antigos, que agora compõem a enorme discografia da Bossa Nova em CD, destinam-se apenas àqueles grisalhos nostálgicos. São os jovens que os estão comprando e ouvindo.

No dia em que se reescrever a Constituição, um dos novos artigos dirá: Todo brasileiro tem direito a um cantinho e um violão. Tem direito também a cidades saudáveis, matas verdes, céus azuis, mares limpos e seis meses de verão. E tem direito ainda a andar na praia, namorar gente bonita e ser feliz. Quando ninguém falava em paz, saúde e ecologia, essa já era a plataforma da Bossa Nova. Hoje, em que esses temas estão na pauta das aspirações nacionais, a Bossa Nova voltou a ser a trilha sonora de um Brasil ideal.